

O PAPEL DAS MULHERES NA BÍBLIA: PROTAGONISTAS OU COADJUVANTES?

The role of women in the Bible: protagonists or coadjuvants?

*Lidice Meyer Pinto Ribeiro **

Resumo

A Bíblia tem sido relacionada há séculos com a subordinação e violência à mulher no mundo ocidental. Mas uma leitura cuidadosa de seus textos revela que a mulher sempre exerceu um claro protagonismo em todos os principais acontecimentos do povo de Israel e da igreja primitiva. Este artigo faz uma síntese da atuação de algumas mulheres do Antigo e Novo Testamento dentro do contexto cultural e religioso da época levantando apenas a ponta do véu para esclarecer e lançar luz para uma leitura bíblica isenta de questões ideológicas.

Palavras-chave: Mulher. Mulher na Bíblia. Protagonismo feminino. Mulher na igreja. Liderança feminina.

Abstract

For centuries people accused the Bible as responsible for the subordination and violence against women in the Western world. But a careful reading of her texts reveals that women have always played a main role in all the events of Israel and the early church. This article summarizes the performance of some women from the Old and New Testaments within their cultural and religious context, lifting the tip of the veil to clarify and shed light on a biblical reading free from ideological issues.

Key words: Woman. Woman in the Bible. Female protagonism. Woman in the church. Female leadership.

* Pós Doutora em Antropologia e História e Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo, Docente na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). e-mail: lidicemeyer@gmail.com

Introdução

Nas últimas décadas o debate sobre as questões quanto ao papel das mulheres no cristianismo está a crescer tanto nas instituições acadêmicas como no interior das igrejas cristãs. Recentemente as expectativas frustradas pelo Papa Francisco no Sínodo da Amazônia acirraram ainda mais os ânimos. Apesar da intensa participação de mulheres no Sínodo, com 38 representantes entre lideranças indígenas, especialistas em temas ligados a meio ambiente e pesquisadoras, o documento final não contemplou o almejado diaconato permanente para as mulheres, concedendo apenas a autorização para a atuação dos ministérios femininos na missa. Isto pode parecer um avanço, mas só tratou da oficialização de uma prática já exercida há séculos nas igrejas da Amazônia e em locais de atuação missionária. Nestes, a igreja mal existe sem a liderança feminina que, na ausência dos padres não só são responsáveis pelas visitas pastorais como pelas leituras e pelo serviço no altar. A realidade das igrejas protestantes e evangélicas nas regiões do interior do Brasil e em campos missionários é também a mesma: mulheres sem o devido preparo e ordenação oficial, mas que assumem o papel de líderes de comunidades cuja frequência também é quase na totalidade de mulheres.

Apesar desta presença histórica não-oficial das mulheres frente a liderança das igrejas cristãs, “a irrupção do feminino em anos recentes e os interesses correntes na hermenêutica feminista estimularam debate novo, às vezes apaixonado, da visão bíblica da mulher.” (EMMERSON, 1995, 352). A frequente referência à Bíblia como determinante para a não atribuição de cargos oficiais às mulheres bem como para justificar situações de desvalorização e violência doméstica é recorrente. Isto pode ser claramente visto em textos como este: “A misoginia bíblica passou, assim, a pautar todas as formas de relações sociais, solidificando a imagem de que a mulher era um ser inferior ao homem tanto pelas fraquezas do corpo como pelas do espírito, e a ele deveria estar submetida.” (LIMA, 2017, pos. 215). O fato da Bíblia, em especial o texto do

Antigo Testamento ter nascido em uma sociedade patriarcal foi por muito tempo relacionado como a causa principal para a subordinação das mulheres através dos séculos.

Embora o debate esteja em curso já há alguns anos, se percebe a escassez de materiais bibliográficos que sistematizem de forma mais acadêmica o papel da mulher na Bíblia como um todo. Este artigo não esgota toda a temática, mas pretende levantar a ponta do véu para estimular uma leitura mais atenta dos textos bíblicos em que as mulheres estão presentes, questionando-nos se a ideia negativa da mulher é de fato inerente ao texto ou consequência de uma interpretação condicionada.

O papel sagrado da mulher na antiguidade

Desde os primórdios da humanidade a mulher se mostrava como um ser enigmático, muito mais próxima à natureza sendo considerada qualitativamente diferente do homem e dotadas de poderes específicos. A menstruação, a sexualidade, os mistérios da gestação eram sinais evidentes dos poderes que lhe eram atribuídos. Somando-se a estas características, a mulher assim como a Lua, apresentava ciclos, fases bem determinadas em seu desenvolvimento e era claramente influenciada por esta, assim como os animais e as plantas. “Um simbolismo complexo, de estrutura antropocósmica, associa a mulher e a sexualidade aos ritmos lunares, à Terra (assimilada ao útero) e àquilo a que devemos chamar de ‘mistério’ da vegetação.” (ELIADE, 2010, 51)

Embora a sacralidade feminina e maternal já fosse conhecida pelo homem do período paleolítico, o desenvolvimento da agricultura aumentou-lhe sensivelmente o poder. Nas sociedades arcaicas a divisão dos papéis sexuais destinava o governo ao homem, mas a mulher era a legítima representante dos domínios da natureza. A mulher simbolizava a deusa-mãe-natureza, representante da vida e de tudo que existia, cabendo-lhe conferir ao consorte o direito de governar. Ela era a legitimadora do governo do homem nos grandes

impérios do passado o que fez os casamentos por aliança política se tornarem comuns também no Oriente Médio. Na Bíblia temos o relato de casamentos de Davi com Mical, Salomão com a filha do faraó, Jezabel com Acabe, Atalia, filha de Jezabel com Jeorão, rei de Judá, numa tentativa de reunir o povo de Israel, dentre outros. A linhagem matrilinear nos povos semíticos ainda sobrevive entre os judeus ortodoxos, pois apenas uma criança nascida de mãe judia pode ser considerada judia. Sendo apenas o pai judeu, a criança não será considerada judia.

Escavações arqueológicas em Jericó (c. 6850-6770) e em outros locais da Palestina revelaram “capelas familiares” com estatuetas femininas indicando a forte presença de um culto da fertilidade. Enquanto o povo de Israel era formado, conviveu com diversas representações da deusa-mãe. CAMPBELL (2014, 177) admite que a deusa é a figura mítica dominante no mundo agrário da antiga Mesopotâmia, do Egito e dos primitivos sistemas de cultura do plantio. Na Mesopotâmia, a deusa Nammu é apresentada como a “mãe que gerou o Céu e a Terra”, “avó de todos os deuses” e a deusa Inanna ou Ishtar, regia a vida e a morte, e a história de seu casamento com o pastor Tamuz era bem conhecida pelos israelitas (Ez 8.14). Entre os cananaeus, Baal destrona o deus principal, El e toma suas esposas, as deusas Asherat (mãe dos deuses) e Anat (deusa do amor e da guerra). Os antigos egípcios adoravam Isis e Nut, a mãe-Céu, dentre diversas outras deusas. O registro bíblico de israelitas adorando em lugares altos e sob árvores e o lamento por Tamuz mostram a sobrevivência destas práticas apesar de serem opostas ao monoteísmo patriarcal. Os rituais de fertilidade e as festas das colheitas sempre remetiam o pensamento israelita para esta deusa muito mais próxima de seu imaginário como geradora de vida, perpetuando a memória da deusa-mãe, apesar da contrariedade dos sacerdotes e profetas.

A construção da imagem feminina no judaísmo bíblico

Tendo a história de Israel se desenrolado em meio a povos que destacavam a força da mulher, não há como separá-la da formação desse novo povo. Embora muitos acusem a Bíblia de misoginia ela sempre valorizou e destacou a importância do papel feminino. “Sem dúvida, houve mulheres de distinção que influenciaram o curso da história de Israel por seus papéis na comunidade” (EMMERSON, 1995, 354). As mulheres estão presentes na criação do mundo, na formação do povo escolhido, na sua preservação, conquista da terra prometida, no período dos juízes, no estabelecimento do Reino de Israel, na sua divisão, no período do exílio, na genealogia de Jesus, no seu ministério, na sua morte e ressurreição e na formação da igreja primitiva. Em todos estes momentos a participação das mulheres é decisiva se não até essencial.

É claro que tendo a Bíblia sido escrita por homens, seus textos trazem uma perspectiva masculina dos fatos. Apesar disto a inspiração divina se incumbiu de preservar mesmo nas entrelinhas a presença e importância das mulheres na sociedade judaica. Não há espaço aqui para tratar de todas estas mulheres especiais com e sem nome que deixaram suas pegadas no livro sagrado das três grandes religiões monoteístas. Vamos nos ater a alguns exemplos para ressaltar como a imagem da mulher foi sendo construída aos poucos no judaísmo bíblico não como um exemplo negativo, mas como um ser especial com qualidades e defeitos, cujos representantes escolhidos para constar na Bíblia deixaram lições de moral importantíssimas para a formação do povo de Israel e para toda a humanidade.

Não há como tratar desta história sem começar pela primeira representante feminina na Bíblia: EVA. Apesar de tradicionalmente criticada como responsável pela queda do homem, esta imagem só será construída a partir da idade média pelos artistas e teólogos que tenderam a identificar Eva com a serpente (réptil) tentadora, resultado de uma leitura de Gn 2.20-23

paralela a Gn.1.24, sendo a mulher o ser intermediário entre animais e o homem, assim como os répteis eram intermediários entre os animais domésticos e selvagens. (LEACH, 1983, 58-69). Eva é criada a partir de uma costela do homem para ser sua auxiliar recebendo funções semelhantes (Gn 2.18). Para WALTON (2016, 104) a mulher é apresentada como uma aliada do homem no serviço do espaço sagrado e que a função sacerdotal passa a ser um ofício exclusivamente masculino entre os israelitas para estabelecer uma distinção entre o seu povo e os demais e manter os rituais sexuais fora do espaço sagrado de Yahveh. No Antigo Testamento pode-se observar a presença de mulheres servindo no templo embora não como sacerdotisas (Ex 38.8; I Sm 2.22).

SARA, REBECA, RAQUEL e LIA. As quatro matriarcas são muitas vezes relegadas a coadjuvantes de seus esposos, mas suas histórias retratam um protagonismo importantíssimo. Embora fosse prometido que um grande povo nasceria destas mulheres, todas as quatro tiveram dificuldades para engravidar. Sara e Rebeca chegaram a ser entregues pelos próprios maridos a outros homens como uma estratégia “torta” para resolver a falta de filhos (Gn 12, 20, 26). Três das quatro matriarcas demonstram sua coparticipação nas decisões familiares ao propor outra solução: mulheres estéreis podiam comprar uma mulher utilizando o valor recebido no casamento; os filhos gerados pelo esposo e a esposa/escrava eram considerados como da sua proprietária, que tinha inclusive os mesmos direitos legais que qualquer marido podendo ser indenizada em caso de adultério (MAIR, 1984, 95). Sara tinha o direito total sobre Agar e seus filhos (Gn 16.3,6) assim como Raquel sobre Bila (Gn 30.3-8) e Lia sobre Zelfa (Gn 30. 9-13). A importância destas mulheres também se mostra pelo fato de Deus se dirigir duas vezes a Sara (Gn 17.15-16; 18.9-15¹) e uma vez a Rebeca (Gn 25.21-23). Rebeca age sempre direcionada pela resposta

¹ Após sua morte aos 127 anos, Sara é enterrada por Abraão na caverna de Macpela em frente ao carvalho (Gn 23), no mesmo local onde recebeu a promessa de sua gravidez de Sara (Gn 18). Sara começa e termina sua vida de mãe de príncipes neste local que até hoje é considerado sagrado pelos israelitas.

que obteve de Deus, criando estratégias que levam Jacó a receber a primogenitura (Gn 27.5-17). A atitude de Rebeca, embora fraudulenta, manifesta a importância do papel das mulheres numa sociedade patriarcal². Podemos ver um pouco da independência da mulher da Mesopotâmia no modo como Rebeca age: vai sozinha buscar água, se dirige a um desconhecido com desenvoltura e oferece-se para trazer água tanto para ele como para seus camelos (Gn 24.15-20) e decide se aceita ou não a proposta de casamento (Gn 24.58-59)³. A bênção recebida por Rebeca confirma a de Sara (Gn 24.60). A Bíblia relata as diversas artimanhas entre as irmãs Raquel e Lia para gerar filhos de Jacó, usando suas escravas e negociando uma noite de sexo por mandrágoras. Acreditava-se que o suco das raízes da era capaz de fazer alguém se apaixonar perdidamente e aumentar a fertilidade e pelo relato, a poção funcionou para Raquel, pois deu à luz a José. (Gn 30. 14-24). Raquel mesmo depois de casada mantém seus terafins (pequenas estatuetas de forma humana que representavam os deuses protetores da família) e chega a fingir-se menstruada para escondê-los (Gn31. 33-35). As quatro têm características comuns: são mulheres de temperamento forte, belas, oriundas da cultura e religião mesopotâmica, mas adaptam-se à religião dos maridos, desempenham seus papéis de esposa, usam de sua riqueza pessoal para realizar seus desejos, e não se intimidam perante situações complicadas. Não são de modo algum mulheres subservientes e subjugadas pelos esposos!

DEBORA e JAEL. Dentre os juízes bíblicos houve apenas uma mulher, a profetisa Débora (Jz 4.4). É também a única que exerceu papel judicial sendo procurada para resolver demandas e para previsões (SCHNEIDER, 2018, 101). O respeito por Débora é tanto que o exército de Israel só saiu à guerra com sua presença. A profecia de Débora que a vitória estaria nas mãos de uma mulher (Jz4.8-10) se cumpriu através das mãos de Jael, uma estrangeira

² BÍBLIA SAGRADA, 2015, p.27, nota de rodapé.

³ “Nos costumes babilônicos do matrimônio, a jovem é chamada a dar o seu parecer.” BÍBLIA SAGRADA, 2015, p. 55, nota de rodapé.

que agiu com coragem e astúcia (Jz 4.17-22). As palavras com que Débora homenageou Jael são semelhantes às dirigidas por Isabel a Maria (Jz 5.24). Duas mulheres e uma vitória que trouxe paz ao povo de Israel por 40 anos (Jz 5.32). Seu exemplo enfatiza como o poder e a sabedoria de uma mulher eram respeitados nos tempos do início do povo de Israel.

Entre os profetas do Antigo Testamento cinco são mulheres: Débora, Miriam (Êx15.20), Hulda (2 Rs 22.14), Noadías (Ne 6.14) e uma profetiza anônima (Is 8.3). Miriam é citada como líder do povo no Êxodo, juntamente com Moisés e Arão (Mq 6.4). A forma como Miriam e Arão se dirigem a Moisés indica sua igualdade perante os dois irmãos (Nm 12.1). O castigo que Miriam recebeu não foi pela sua atitude e sim pelo conteúdo do questionamento (o preconceito racial contra a esposa etíope de Moisés). Sua importância é clara pois o povo só reinicia a caminhada quando Miriam volta ao grupo (Nm 12.15), como também sua liderança entre as mulheres (Ex 15.20). Não há nenhum preconceito com as mulheres que possuíam e exerciam o dom da profecia, que não era restrito aos homens (Jl 2.28). Além dos dotes proféticos, o Antigo Testamento mostra mulheres envolvidas com negócios de estado. Apesar de anônimas, a mulher sábia vinda de Tecoa (Sm 14.2) e a mulher de Abel (2 Sm 20. 16-22), mostram que mulheres exerciam o papel reconhecido de conselheiras em Israel, falando com autoridade, seja perante o rei ou perante o comandante do exército.

JEZABEL, VASTI e ESTER. Três rainhas, dois valores, três destinos. Jezabel era filha do rei fenício de Sidônia e Tiro casada com Acab, rei de Israel (1 Rs 16.31). A narrativa de I Reis 18, 19 e 21 é conduzida de forma a mostrar Jezabel como a mulher cruel que seduz e induz o marido a cometer o pecado. A sociedade e religiosidade fenícia de Jezabel valorizava o feminino. Ela era uma profetisa e sacerdotisa além de princesa real. Com forte personalidade, estava acostumada ao fato de uma rainha dividir o trono em pé de igualdade com o rei. Casou-se com esta perspectiva e conseguiu estabelecer-

se desta forma. A religião de Jezabel estava em extremo oposto à religião de Yahweh, um monoteísmo masculino, pois cultuava Astarte e seu consorte Baal. (1 Rs 16.32-33; 18.19). O relato de sua morte é chocante: Jezabel se colocou à janela, arrumada como uma rainha para fazer valer sua autoridade e esperar pela morte. Seu corpo ficou tão mutilado que é impossível enterrá-la (2Rs 9.30-37). A dignidade com que Jezabel se pôs à janela destaca a experiência de liderança e a forte personalidade desta rainha. Sua constante ligação à figura do mal foi estabelecida para reforçar a ideia de que casamentos de israelitas com mulheres de outra origem sócio religiosa era sempre prejudicial. FELDMAN (2006, 251-272) levanta a hipótese de que estes textos ao serem compilados por Esdras e seus escribas no período pós-exílio, por volta do séc. VI a. C, teriam sofrido influência da visão judaica sobre a mulher do período do 1º Templo (c. 933 – c. 586 a.C.). Para este autor, estes relatos se referem a um período anterior à época em que foram redigidos, mas espelham realidades de um período posterior aos acontecimentos. A história de Ester acontece cerca de 400 anos após a de Jezabel, mas quando vistas juntas, as histórias das duas rainhas parecem ser as duas faces de uma mesma moeda. Seu livro traz também a história de outra mulher importante, a Rainha Vasti, que nos reporta a Jezabel de várias maneiras. Uma mulher bela (Et 1.11) e com muito poder (Et 1.9) que perde o trono por se recusar a atender uma ordem do rei em claro estado de embriaguez. O conselho dado ao rei por seus assessores (Et 1.15-20) é curiosamente uma postura mais próxima ao pensamento judaico do século III e II. As atitudes de Vasti e de Jezabel não seriam condenadas em suas culturas de origem. Vemos, portanto, aqui uma releitura sob a ótica judaica da época em que o texto foi redigido. Uma clara forma de contrapor as atitudes destas duas rainhas às atitudes desejáveis para uma rainha. Ester⁴ também chamada de Hadassa era órfã, “bela de porte e de formoso aspeto” (Et 2.7) e passa a ter vida de princesa (Et 4.13;5.1-5) ao se casar com o rei persa Assuero (Et 2.17) até que um dia

⁴ O nome Ester parece ter origem persa significando “estrela” em uma alusão à deusa Ishtar, associada à “estrela” ou planeta Vênus.

precisou revelar ao rei sua origem judaica mesmo que isto a levasse a morte. Ester tradicionalmente passou a ser vista como uma rainha submissa, sem vaidades para ser contraposta a Jezabel e Vasti. Ester e Jezabel são duas faces de uma mesma moeda: ambas se casam com reis de nacionalidades diferentes das delas, que seguem deuses diferentes dos que conhecem e enfrentam seus problemas com imaginação e coragem.

Curiosamente o uso da palavra rainha na Bíblia é significativamente menor que a palavra rei. Nem Atalia recebeu este título embora se registre que esta reinou em Israel (2 Rs 11.1-16; 2 Cr 22.10 – 23.15). O título de rainha sempre é empregado na Bíblia a mulheres em reinos estrangeiros como a rainha de Sabá (1 Rs 10.1; 2 Cr 9.1), Vasti e Ester (Et 1.11; 2.18), Jezabel (2 Rs 10.13) e, a rainha egípcia Tafnes (1 Rs 11.19-20). O termo rainha-mãe é aplicado a Maaca (1 Rs 15.13; 2 Crônicas 15.16) e a Neusta, mãe do rei Joaquim (Jr 13.18; 29.2). Embora Bate-seba nunca tenha recebido o título de rainha-mãe, senta-se à direita de Salomão no trono (1 Rs 2.19). Os vinte reis do Reino de Judá, após Salomão, são referenciados pela Bíblia junto às suas mães, embora estas não apresentem no texto bíblico o título de rainha-mãe. Apesar da falta do título, é bem clara a ideia que a prática de ter a mãe como uma mulher de autoridade pública junto ao rei tornou-se uma prática neste período do reino dividido.

O fato de que não há referência ou destaque ao gênero quando uma mulher exerce um papel de liderança no Antigo Testamento é um sinal de que esta liderança não despertava estranheza. Isto sugere que a contribuição das mulheres à sociedade não era rara em Israel. As mulheres participaram na reconstrução dos muros de Jerusalém (Ne 3.12) e construíram cidades (1 Cr 7.24); estavam presentes nas festas judaicas (Dt 12.12) e nos sacrifícios (Dt 12.18); faziam parte da aliança do povo com Deus (Dt 29.11) e tinham obrigação de conhecer e respeitar a Lei (Dt 31.12). O único cargo que lhe era vedado era o de sacerdote cujas exigências excluía até mesmo a maioria dos homens (Lv 21). As mulheres dos sacerdotes e suas filhas, porém, podiam

participar da refeição sacerdotal (Lv 22.10-13). Conhecemos dois cânticos compostos por mulheres (Ex 15.20 e 1 Sm 2.1-10) e há vários casos em que Deus se dirigiu diretamente às mulheres: Hagar (Gn 21.17), duas vezes à mãe de Sansão (Jz 13.3, 9) e Maria. As mulheres também buscavam a presença e orientação de Deus como o fez a mulher de Jeroboão (1 Rs 14.1-16), a Sunamita (2 Rs 4.22-30), Rebeca (Gn 25.22-23), Raquel (Gn 30.6) e Ana (1 Sm 1.10-17; 2.1-10).

As mulheres referidas aqui são apenas algumas das mulheres no Antigo Testamento que tradicionalmente têm sido lidas de forma incompleta, ocultando parte da participação feminina na história de Israel. A visão popular de que a mulher era tratada como inferior no período bíblico é incorreta, ao menos durante o tempo do Antigo Testamento.

A mudança da imagem feminina no judaísmo pós-exílio

A partir do final do período do Primeiro Templo começam a ser percebidas alterações no tratamento às mulheres, o que se evidencia nos períodos do exílio e no do 2º Templo (FELDMAN, 2006) com a criação de um espaço diferenciado para as mulheres, que Flávio Josefo correlacionou ao caos e desordem. A mulher passou a ser vista como um ser tentador, a ser controlado. O Livro dos Provérbios, apesar da autoria atribuída a Salomão, apresenta muitos dos valores existentes no pós-exílio. A desconfiança em relação às mulheres se torna tão grande que se criam normas para que principalmente as virgens sejam mantidas em casa. Assim, ocorre uma mudança gradual na relação entre os gêneros no judaísmo do Antigo Testamento para no judaísmo do Novo Testamento, ainda mais acirrada devido à grande influência da cultura greco-romana. Entre os romanos, as mulheres ocupavam posição socialmente subordinada, politicamente nula e economicamente relativa. A partir do século I, o judaísmo rabínico começou a produzir o Talmud, coletânea de textos referentes à lei, ética, costumes e história do povo judeu. Como o

povo judeu vivia sob o domínio romano, muito desta cultura foi inserida no Talmud como o lugar atribuído à mulher na sociedade, que passou a praticamente não ter mais vida social, ficando afastada dos acontecimentos e lugares públicos e religiosos. Um bom exemplo desta mudança é o Tratado "Menachot" 43 B, no Talmud da Babilônia que instrui: “O homem deve recitar três bênçãos cada dia⁵, e elas são: Que me fizeste (do povo de) Israel; que não me fizeste mulher; que não me fizeste ignorante”.

As mulheres passam a ser vistas biologicamente como procriadoras, socialmente como dependentes primeiro do pai e depois do esposo, psicologicamente e intelectualmente como incapazes de tratar de temas importantes como as questões religiosas. O Talmud considerava um desrespeito ao público que uma mulher lesse a Torah do Shabat⁶. A presença de uma mulher num lugar público, seja a rua, mercado, ou em cultos religiosos era considerada uma ofensa à sua dignidade de mulher.

Apesar disto, DANIEL-ROPS (1998, 90) afirma que nem todos os rabinos do primeiro século partilhavam desta concepção misógina da lei. Gamaliel, mestre de Paulo e alguns outros admiravam a inteligência penetrante da mulher, seu zelo pelo trabalho, sua perseverança e seu coração bondoso.

As mulheres e Jesus

O Evangelho de Mateus inicia com a genealogia de Jesus indicando sua descendência a partir de Davi e Abraão. Mateus dirige seu texto para judeus-cristãos para os quais era importantíssimo perceber que Jesus era mesmo o

⁵ “As bênçãos matinais são de um período de aguda crise, após a destruição do 2º Templo (c. 70 d.E.C.), por volta do segundo século da era Comum. Sua autoria é atribuída a Rav Meir, um dos organizadores da coletânea, denominada MISHNÁ”. (FELDMAN, 2006)

⁶ “Contrariando a exclusão vigente e popularmente conhecida dentro da tradição judaica, a Halachá - lei judaica - permite explicitamente às mulheres (e menores de idade), serem convidadas para participar da leitura pública da Torá (primeiros cinco livros da Bíblia) durante as rezas do Shabat (sábado). Mas a seguinte contrapartida consta do Talmud - Tratado Meguilá 23-A: Ensinaram nossos Rabinos: Todos podem fazer parte da contagem dos sete (que são chamados para ler a Torá no Shabat), até um menor de idade e até uma mulher. Mas disseram os Sábios: Uma mulher não vai ler a Torá por respeito ao público.” (KOCHMANN, 2005, 38).

descendente legal de Davi. Curiosamente, sua genealogia inclui cinco mulheres, sendo três delas estrangeiras casadas com israelitas: Tamar (Gn 38), Raabe (Js 2,6), Rute, Bate-seba (2 Sm 11-12, I Rs 11:31, 2:13-19, I Cr 3:5) e Maria (Lc 1:26-38, 1:39-56, 2:1-7, 2:21-38, 2:41-52, 4:16-30, 8:19-21). Devemos compreender, portanto que estas cinco mulheres possuem algo de especial para merecer seu destaque na genealogia do Messias. Ao estudar cuidadosamente suas histórias vê-se que todas se mostraram corajosas, destemidas e prontas para levar sua missão adiante apesar das oposições. Apesar de Jesus ter nascido em um povo patriarcal, recebeu heranças masculinas e femininas que fizeram parte de sua história de moldaram seu lado humano. Jesus não era uma divindade alheia aos nossos problemas, mas pelo contrário, cresceu e viveu como um deus-homem, conhecedor da natureza humana em suas falhas e qualidades, que gostava de estar junto tanto de homens como de mulheres.

Jesus revelou grande coragem quando ignorou as barreiras sociais existentes e exerceu um ministério pessoal junto às mulheres. Tendo sido criado no judaísmo sabia as regras sociais, mas, apesar disso, desafiou a sociedade de sua época com atitudes muitas vezes escandalosas que para ele eram naturais, frutos de seu amor e compaixão pela humanidade como um todo. Jesus aceitou mulheres entre os discípulos a começar por sua mãe, seguida por Maria Madalena, Maria mãe de Tiago, Maria e Marta de Betânia, Salomé, Joana, Suzana, mulheres anônimas e até mulheres da alta sociedade como Cláudia, esposa de Pilatos. Jesus não só é visto diversas vezes acompanhado por mulheres, que participam do seu dia a dia, sustentam seu ministério financeiramente além de cuidarem de sua alimentação diária, como ainda as inclui em seu grupo de auxiliares na evangelização. Uma mulher anônima, a mulher samaritana foi a primeira missionária convocada por Jesus após um curso intensivo junto a um poço. Maria Madalena foi a primeira testemunha de sua ressurreição e a primeira a levar esta boa nova aos demais discípulos. A mesma Maria Madalena que o acompanhou em todos os momentos bons e

difíceis de seu ministério, tanto que alguns evangelhos apócrifos a colocam como uma forte liderança na igreja primitiva e o Papa Francisco a intitulou de primeira apóstola de Cristo.

No conceito de Cristo, a mulher era tão capaz de compreender e assimilar as verdades do evangelho quanto os homens. Curiosamente algumas das verdades mais profundas do evangelho foram reveladas a mulheres, como o ensinamento sobre a água da vida dado a mulher samaritana e o ensino sobre a ressurreição do corpo e do espírito dado a Maria e Marta. Muitos de seus grandes ensinamentos como o sermão da montanha foram proferidos para grupos de homens, mulheres e até crianças. É interessante observar que as mulheres muitas vezes eram as que compreendiam melhor os ensinamentos de Jesus e mais se dedicavam ao seu serviço. Após sua morte foram quatro mulheres que audaciosamente, sem a companhia de um homem, se arriscaram para ir ao seu túmulo. Jesus não temia os comentários que poderiam surgir por se hospedar também em casa de mulheres, ficando mais de uma vez em casa de Marta e Maria (Lc 10. 38-42) quando aproveitou para ensinar as duas mulheres. Podemos observar que embora para Jesus conversar em público com uma mulher fosse tão natural como o fazer com um homem, a conversa de Jesus com a mulher samaritana foi mal-interpretada pelos discípulos em João 4. 27. Jesus percebeu a dor da viúva que perdera o único filho e se dirigiu a ela perante uma multidão de testemunhas (Lc 7. 11-17). A atenção dada por Jesus à mulher que lhe ungiu os pés na casa de um fariseu foi vista como desconhecimento de seu passado de pecadora, mas Jesus mostrou que conhecia bem quem era a mulher e que a perdoava de seus pecados (Lc 7. 36-50). Jesus ainda se dirigiu a uma mulher acusada de adultério e se colocou como seu advogado de defesa, salvando-lhe a vida. Jesus quebrou todos os tabus sobre o contato com mulheres quando se deixou tocar, beijar e até bebeu a água oferecida por mulheres socialmente impuras. O fato de haver mulheres entre os discípulos e entre os seus seguidores já era um escândalo para os fariseus e saduceus, mas

Jesus ainda foi além! Jesus demonstrou amor e misericórdia aos desamparados e esquecidos da sociedade. Não era de se admirar o encanto que exercia nessa camada do povo. Por fim, Jesus mudou a concepção da mulher objeto perante a lei do divórcio contestando os ensinamentos de Hillel, Doutor da Lei em Jerusalém que afirmava ser possível a um homem o divórcio a qualquer momento sem um motivo específico e defendeu a dignidade da mulher (Mt 19.9). Para Jesus, o único caso que poderia permitir um divórcio seria em caso de adultério. Para Cristo, um homem que se divorciasse sem motivo de uma mulher e se casasse novamente estaria por si cometendo adultério. Todas estas posições inovadoras de Jesus com certeza atraíram muitas mulheres para ouvi-lo e segui-lo.

As mulheres no período apostólico

Após a ressurreição, os apóstolos preservaram o direito da presença e atuação das mulheres junto a igreja primitiva (At 1.14) onde ocuparam posição mais importante do que tem sido afirmado pela tradição e pelas leituras do texto bíblico ao longo dos séculos. Nas primeiras comunidades cristãs fundadas por Paulo as mulheres tiveram lugar de liderança e responsabilidade sendo investidas da autoridade de falar em público, coordenar a vida comunitária e de ter um protagonismo que, entretanto, lhes viria a ser negado posteriormente. Não era raro encontrar uma mulher na igreja que dispusesse de dinheiro próprio e gozasse de uma certa autonomia socioeconómica como foi o caso de Maria Madalena, Cloé (1 Co 1.11), Lídia (At 16.14) dentre outras. ARENS (1997, 79) afirma que “embora não nos conste que mulheres tivessem exercido cargos políticos, salvo exceções relacionadas com a herança familiar, sabemos que algumas mulheres ocupavam postos importantes ao menos no mundo religioso como pitonisas, sacerdotisas, diaconisas.”

O apóstolo Paulo, assim como Jesus, defendeu que as mulheres não fossem encaradas como mera propriedade do homem quando afirmou que o

marido deve agradar à esposa, e não apenas esta agradar ao marido (1 Co 7.1-7). Sobre os ombros dos maridos colocou a responsabilidade de amar a esposa assim como Cristo amou a igreja (Ef 5.25). Por sua vez, o apóstolo Pedro as valorizou a ponto de afirmar que os homens casados só teriam suas orações atendidas se as tratassem dignidade (1Pe 3.7).

Nos primórdios do cristianismo, as mulheres tiveram um papel relevante nas primeiras igrejas. Embora a maioria da liderança oficial fosse constituída por homens, a igreja de modo geral contava com inúmeras mulheres evangelistas como **Lídia** (At 16.14,40) e **Priscila**, cujo conhecimento da escritura era tal a ponto de colaborar com o esposo na instrução de outros pregadores (At 18.26).

Paulo se refere carinhosamente a oito ou nove mulheres em suas saudações, no último capítulo aos Romanos: **Febe** (vers. 1), que atuava como diaconisa na igreja de Cencreas⁷ e que pode ter sido a portadora da carta aos cristãos de Roma⁸ (Febe era provavelmente uma mulher de negócios que se deslocaria frequentemente a Roma podendo proteger e sustentar tanto Paulo como outros); **Priscila** que com seu esposo (vers. 3-4) reunia uma comunidade de cristãos em sua casa, instruíram Apolo na fé cristã e protegeram Paulo diversas vezes; uma mulher de nome **Maria**, elogiada pela sua dedicação à causa de Cristo (ves. 6); **Trifena**, **Trifosa** e **Pérside** (vers. 12), três mulheres como suas cooperadoras no Evangelho; a **mãe de Rufo** (vers. 13) a quem Paulo também chamou carinhosamente de mãe; a **irmã de Nereu** (vers. 15) e **Júlia** (vers. 15), provavelmente esposa de Filólogo, já que ambos são citados juntos, unidos pela conjunção “e”. Com tantas mulheres participando ativamente do ministério de Paulo, fica mais incongruente a acusação que muitas vezes lhe fazem de ser misógino! Como a Bíblia não pode conter contradições, só podemos entender os textos da carta aos coríntios (1 Co 14.33-36), onde Paulo ensina que as mulheres devem ficar caladas na igreja como uma questão isolada

⁷ Cencreas era uma cidade portuária a 7km de Corinto.

⁸ BIBLIA SAGRADA, 2015, p. 1859, nota de rodapé.

e aplicada a uma circunstância específica. O mesmo se pode dizer sobre a proibição às mulheres de assumir posições de autoridade sobre os homens ou de ensinar a eles, escrita para seu discípulo Timóteo (1 Tm 2.11-12), que por sua vez, deve sua fé à sua mãe **Eunice** e à avó **Lóide** (2 Timóteo 1.5). Logo, o ensino de Paulo deve ser lido dentro do contexto social da época e dentro da influência dos ensinamentos rabínicos recebidos através de Gamaliel, que por sua vez também valorizava as mulheres.

O livro apócrifo "**Atos de Paulo e Tekla**" apresenta uma discípula de Paulo, a quem este diz: "Vá e ensine a palavra de Deus", e Tekla não só ensina a palavra de Deus, mas também batiza e realiza curas (RICCA, 2013). Fictícia ou não, Tekla se soma às já citadas Febe, Priscila e Lídia, que atuavam como diaconisas apontando para a presença de mulheres na liderança da igreja primitiva. Além destas ainda temos o registro das quatro filhas do evangelista Felipe que atuavam como profetisas (At 21.9).

Considerações Finais

As mulheres desde a antiguidade exerceram um papel de destaque na religião e nas sociedades. Na religião e cultura judaica não foi diferente. A presença e atuação das mulheres em todas as fases de constituição do povo escolhido bem como durante a vida de Cristo e na formação da igreja primitiva não deixa dúvida de seu papel de protagonismo. Foi através de uma mulher que os homens vieram a existir (Gn 3.20), foi através de quatro mulheres que surgiu o povo da promessa, e não fosse a desobediência das parteiras israelitas (Ex 1.15-20) não haveria nenhum povo para ser liberto no Êxodo de onde viria o Messias, nascido de uma mulher. Uma leitura da Bíblia sem preconceitos e sem direcionamentos ideológicos esclarece e desmente qualquer acusação de misoginia e deve iluminar o debate sobre a mulher na igreja ontem e hoje. O desafio pelo reconhecimento público da atuação da mulher na igreja e na sociedade ainda é grande. Mulheres cristãs (pastoras e religiosas) ainda são

questionadas se de fato são capazes de assessorar uma comunidade, se são capazes de pregar, de realizar enterros, batizar, dentre outras atividades. A palavra do apóstolo Paulo (Gl 3.27-28) de que a partir do batismo, não existe diferença entre os gêneros aguarda pelo seu pleno desenvolvimento. Mas a voz das mulheres na Bíblia, embora abafada por tantos séculos ainda ressoa. É preciso apenas que as deixemos falar.

Referências Bibliográficas

- ARENS, Eduardo (1997). *Ásia menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo.
- BALDOCK, John (2009). *Mulheres na Bíblia*. São Paulo: M. Books do Brasil.
- BIBLIA SAGRADA (2015). Fátima / Lisboa: Difusora Bíblica.
- BRAGA, Eliezer S. (2010) *Santas e sedutoras – as heroínas na bíblia hebraica*. São Paulo: Humanitas.
- CAMPBELL, Joseph (2014). *O Poder do mito*. São Paulo: Ed. Pallas Athena.
- COLEMAN, William L. (1991). *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Venda Nova: Editora Betânia.
- DANIEL-ROPS, Henri (1998). *A vida diária nos tempos de Jesus*. São Paulo: Editora Vida Nova.
- ELIADE, Mircea (2010). *História das Crenças e das Ideias Religiosas*, volume 1, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- EMMERSON, Grace I. (1995). “Mulheres no Israel antigo”. in: CLEMENTS, R.E. *O mundo do antigo Israel*. São Paulo: Paulus.
- FELDMAN, Sérgio Alberto (2006). “A mulher na religião judaica (período bíblico: primeiro e segundo tempos)”, *MÉTIS: história & cultura*, Rio Grande do Sul, v. 5, n. 10, pp. 251-272, jul./dez. 2006.
- GIMBUTAS, Marija (1995). *The Language of the Goddess*. San Francisco: Ed. Harper.
- KOCHMANN, Sandra (2005). “O Lugar da Mulher no Judaísmo”, *REVER - Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, n.2, pp. 35-45, 2005.
- LEACH, Edmund (1983). “O Gênesis enquanto um mito”. in: *Antropologia*. São Paulo: Ed Ática.
- LIMA, Alberto (2017). *Quem é essa mulher? A alteridade do feminino na obra musical de Chico Buarque de Holanda*. Recife: Cepe (versão kindle).
- MAIR, Lucy (1984). *Introdução a antropologia social*. Rio de Janeiro: Zahar.
- NEUMANN, Erich (2011). *A grande mãe*. São Paulo: Cultrix.
- RICCA, Paolo (2013). “A mulher nas igrejas”, *Associação Oreundici*, Civitella San Paolo, n. 3, junho/2013. Disponível: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/538183-a-mulher-nas-igrejas-artigo-de-paolo-ricca>
- SCHNEIDER, Tammi J. et al (2018). *O livro da Bíblia*, consultoria de Lidice M. P. Ribeiro, Rio de Janeiro: Globo Livros.
- WALTON, John H. (2016). *O mundo perdido de Adão e Eva – debate sobre a origem da humanidade e a leitura de Gênesis*. Viçosa: Editora Ultimato.